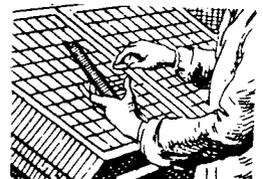


# FAZENDO PELAS MÃOS A CABEÇA DO TRABALHADOR: O TRABALHO COMO ELEMENTO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

*Gaudêncio Frigotto*

Do IESAE, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.



## RESUMO

Nesta comunicação tem-se como questão central a especificidade das relações entre trabalho e educação na formação profissional, tomando-se como referência a prática pedagógica do SENAI. O trabalho, não enquanto elemento fundamental que define o devir humano, mas enquanto trabalho assalariado, definido pelas relações capitalistas de produção, constitui a base da relação educação e trabalho na formação profissional. Sob esta base, erige-se o conceito ideológico de trabalho. As relações máquina-aprendiz, instrutor-aprendiz e o conjunto de relações de aprendizagem buscam, pelas mãos, fabricar a cabeça do homem fabril.

Não obstante tratar-se de uma pedagogia específica — a do capital — na medida que se dá no bojo de relações sociais que na sua essencialidade são contraditórias — a formação profissional que se efetiva nas instituições do tipo SENAI engendra essa contradição. Neste sentido aponta-se um caminho para o resgate da formação profissional para o interesse do trabalhador.

## SUMMARY

The paper analyses the relationships between labor and education in the vocational courses of SENAI (Industries Social Services). Work, not as an element that defines human development but as employment on a salary basis, defined by the capitalistic relations of production, constitutes the basis for relationships between work and education in the vocational courses. The ideological concept of work rests upon this basis. The relationships machine-apprentice, instructor-apprentice and the set of learning relationships seek to, through the hands, fabricate the worker's mind.

Although it constitutes a specific pedagogy — that of the capital (since it occurs within essentially contradictory social relationships) — the vocational education offered in institutions like SENAI causes this contradiction. In this sense the article points out to a way of recovering the vocational education for the interest of the worker.

## NOTA INTRODUTÓRIA

O meu propósito ao abordar, neste simpósio, a questão do trabalho como elemento pedagógico na formação profissional não é de efetivar uma análise teórica sobre o assunto. Dentro da própria proposta original deste simpósio a preocupação nodal é tentar colocar experiências concretas sobre a relação entre educação e trabalho para averiguar como efetivamente o trabalho se constitui num elemento pedagógico, um elemento educativo. Em cima desta leitura, obviamente não inocente, pois já incorpora uma determinada postura teórica, política e ideológica, a questão que se nos coloca é de ver como nossas teorias dão conta para uma explicitação mais aguda da relação trabalho e educação. O objetivo aqui não é, então, de se efetivar uma exposição satisfatória nela mesma, mas de assinalar alguns aspectos que possam nos ajudar no debate mais amplo e global sobre a relação trabalho e educação.

Vale ressaltar, igualmente, que a formação profissional, tomada na acepção da OIT como sendo "todo o tipo de formação destinada a preparar ou readaptar uma pessoa para que exerça um emprego ou para que seja promovida em qualquer ramo de atividade econômica, incluindo ensino em geral, profissional e técnico", extrapola o âmbito que queremos dar a essa questão neste simpósio. Se o conceito em si se presta, e muito, para uma análise de ideologia que vincula nas diferentes formas de formação profissional, e neste sentido poderá ser retomada em qualquer tipo de experiência específica, interessa-nos aqui fixarmo-nos na formação profissional do tipo que é efetivada pelo SENAI, SENAR e SENAC. Tratam-se de instituições que movimentam recursos vultosos da sociedade, orçamentos maiores, às vezes, que os orçamentos de alguns estados, e cuja origem histórica acompanha a própria gênese e as novas formas de organização da produção capitalista no Brasil. Vou ater-me, limitado pelo próprio tempo de exposição, aos cursos de aprendizagem do SENAI, dentre as diferentes formas de ação dessa instituição.

Por que SENAI e por que Cursos de Aprendizagem? SENAI, porque se trata da instituição que é produzida num contexto determinado do avanço do capitalismo industrial no Brasil e por constituir-se, por excelência, numa instituição que se especializa na pedagogia do trabalho industrial, ou na pedagogia do capital, e que vai se constituir em paradigma de todas as instituições congêneres na América Latina, como de resto vai influenciar SENAC e mais tarde SENAR. Pode ser, de outra parte, a instituição mais antiga e que melhor, penso eu, pôde nos dar uma idéia da especificidade do uso do trabalho, da própria concepção de trabalho, como elemento pedagógico no interior da formação profissional.<sup>1</sup>

O SENAI desenvolve cursos de aprendizagem de menores (aprendizes entre 14 e 18 anos); treinamento, aperfeiçoamento e especialização de adultos (80% da atividade do SENAI); aperfeiçoamento de supervisores, cursos técnicos industriais de nível médio, treinamento gerencial, treinamento e aperfeiçoamento de docentes. Nos fixaremos nos cursos de aprendizagem, pela razão de que ao examinar o que aí ocorre podemos ter uma idéia

do todo, com a vantagem de estarmos tratando de um tipo de curso mais próximo ao que se efetiva nas escolas de 1º e 2º grau (curso com disciplinas similares, um certo currículo etc.)

Minha exposição se fixará em três tópicos básicos: uma sinalização da especificidade da concepção de trabalho que se desenvolve nesse tipo de formação profissional; uma descrição da metodologia e prática pedagógica do SENAI (a produção do homem fabril, as relações pedagógicas e a expansão das relações de trabalho) e algumas questões para o debate mais amplo.

## A ÓTICA DO TRABALHO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: TRANSMUTAÇÃO DO TRABALHO EM FORÇA DE TRABALHO

Inicialmente é importante situar a concepção de trabalho sobre a qual se balizam as relações de prática pedagógica na Formação Profissional. Isso é importante, tanto para entender-se como o trabalho — enquanto relação pedagógica — se efetiva sob uma determinada especificação, bem como, e a partir do mesmo, se constrói a noção ideológica do trabalho.

O trabalho a que vamos nos referir como elemento da prática pedagógica na formação profissional, não é o trabalho entendido como uma relação social que os homens estabelecem na produção de sua existência. Ou seja o trabalho enquanto um processo em que participam os homens e a natureza onde "o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza como uma de suas forças (...) e atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza"<sup>2</sup>; trabalho que pressupõe que homem (e todo homem) possa ter as condições objetivas de apropriar-se da natureza e transformá-la em seu proveito; trabalho que, de outra parte, pressupõe o homem como proprietário. Propriedade, não sob a forma privada capitalista, mas propriedade que "significa nada mais do que a atitude do homem ao encontrar suas condições naturais de produção como lhe pertencendo, como pré-requisitos de sua própria existência; sua atitude em relação a elas como pré-requisitos naturais de si mesmo, que constituiriam, assim, prolongamento de seu corpo. (...) uma relação do sujeito atuante com as condições de sua produção e reprodução como suas próprias"<sup>3</sup>.

O trabalho nas relações pedagógicas da Formação Profissional tipo SENAI/SENAR, aparece sob a especifi-

1 Este trabalho é baseado, em grande parte, nas dissertações de mestrado efetivadas por mim e Darcy Costa, respectivamente, *Efeitos cognitivos da escolaridade do SENAI e da escola acadêmica convencional: uma pedagogia para cada classe social?* Rio de Janeiro, IESAE/FGV, 1977, e *Aprendizado "não cognitivo" como resultado da escolaridade — um estudo comparativo da experiência do SENAI e das escolas acadêmicas convencionais*. Rio de Janeiro, 1978. Nesses trabalhos discute-se detalhadamente a especificidade da relação pedagógica do SENAI.

2 Karl Marx. *O Capital*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Livro I, Tomo I, p. 202.

3 Karl Marx. *Formações econômicas pré-capitalistas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 82-92.

cação histórica em que foram dissolvidas as relações sociais de produção da existência onde o homem trabalhador é um proprietário e o proprietário trabalha.

O trabalhador aparece duplamente "livre": livre de propriedade e "livre" para vender sua força de trabalho a outrem. Liberdade esta cujo limite imediato é que haja alguém disposto a comprá-la. Ou seja, o trabalhador aparece como "trabalhador livre, como capacidade de trabalho puramente subjetiva, sem objetividade, enfrentando as condições objetivas da produção como sua não-propriedade, como propriedade alheia, como valor existente em si mesmo, como capital"<sup>4</sup>.

Em suma, o trabalho que é ação dirigida com o fim de criar bens úteis, valores de uso, forma de apropriar-se dos elementos da natureza para satisfazer necessidades humanas, condição do intercâmbio entre homem e natureza, condição do próprio devir humano — aparece sob a determinação social e histórica de trabalho abstrato, um trabalho separado dos sujeitos — força de trabalho, mercadoria.

Para assinalar concretamente essa especificação que recebe o trabalho na formação profissional basta analisar as próprias condições históricas que produzem e demandam instituições tipo SENAI e SENAR. Por que o SENAI surge em 1942 e sua idéia vai se formulando desde 1937, e o SENAR, somente surge em 1976, senão porque se delineiam duas formas históricas específicas do avanço do capitalismo, de organização do trabalho na indústria e no campo, em tempos diversos. De outra parte, o fato do SENAI ser gerido pela própria Confederação da Indústria e não pelos sindicatos trabalhadores, especifica o tipo de interesses que estão em jogo e a marca que recebe a concepção de trabalho e a relação pedagógica que se efetiva a partir do mesmo.

O SESI (Serviço Social da Indústria), também gerido pela Confederação Nacional da Indústria, que surge em 1946, com a preocupação básica de intervir em diversas áreas chamadas sociais (alimentação, saúde, higiene, moral e civismo, habitação do trabalhador) que influenciam a relação homem-trabalho, procurando proporcionar às empresas condições para maiores índices de produtividade e atendimento dos seus compromissos, vai explicitar de forma ainda mais clara a especificação que recebe o trabalho neste tipo de formação profissional<sup>5</sup>.

A questão que está em jogo não é a valorização do trabalho e do trabalhador, mas a preservação e a formação de uma força de trabalho adaptada aos interesses da produção.

#### A RELAÇÃO MÁQUINA-APRENDIZ-INSTRUTOR; FAZENDO "PELAS MÃOS A CABEÇA" DO HOMEM FABRIL

"Num de seus estudos, o senhor afirma que o SENAI está entre as melhores escolas do mundo. Isso ainda é verdadeiro?

— Está. O SENAI tem um compromisso de qualidade que o sistema convencional não tem. Quem consome o produto é quem paga diretamente por ele — a indústria. Os alunos, em geral filhos de operários, têm pouco trato com a abstração e a ciência



que a escola convencional lhe oferece já vem vestida de abstração. No SENAI, o aluno vê a ciência lidando diretamente com máquinas, materiais e processos. A linguagem é mais tosca, mas faz parte do seu repertório. Aprendendo um número limitado de processos, o aluno tem condições de incorporar novos processos"<sup>6</sup>.

"Em trinta anos de atividade o SENAI, estruturado e orientado como organismo de livre-empresa, encerra uma significação que transcende o âmbito de uma entidade de formação profissional, para tornar-se autêntica expressão da cultura da indústria brasileira"<sup>7</sup>.

Ao tentar explicitar como se efetivam as relações pedagógicas na aprendizagem do SENAI, através do trabalho de oficina, — "o aluno lidando com máquinas, materiais e processos" — gostaria de ressaltar que o que se

4 *Idem, op. cit.*

5 Ver a esse respeito Clemência Vital. *O ensino supletivo no SESI/AM* Rio de Janeiro, IESAE/FGV, 1982 (Dissertação em andamento).

6 "Os males da quantidade". Entrevista feita pela Revista Veja a C.M. Castro, publicada em 26.05.82.

7 Bologna, Ítalo. *Formação profissional na indústria* — SENAI Rio de Janeiro, DN, s/d. Bologna refere-se ao 30º aniversário da fundação do SENAI — ocorrido em 1972.

tem como resultado educativo, mais que um aprendizado meramente técnico do "saber fazer o que serve" e "o saber fazer de forma eficiente" — tem-se uma internalização de uma determinada cultura — que explicita uma relação social dada, ou seja "um conjunto de maneiras de ser, de agir e de pensar que uma sociedade hierarquizada tenta inculcar àqueles que ela relega às tarefas de execução, ou no melhor dos casos, supervisão e controle"<sup>8</sup>.

— A idéia do aprender fazendo, aprender trabalhando, não é tão nova quanto possa parecer. E a metodologia que o SENAI utiliza, nos seus traços básicos, está longe de ser uma invenção brasileira.

"No ano de 1868... o diretor da escola (Técnica Imperial de Estradas de Ferro de Moscou), Victor Della Voz, compreendeu que o processo de treinar mecânicos, pelo método de aprendizado, era moroso e de resultados desiguais. E pensando conseguir um engenheiro de produção dentro de um sistema militar, Della Voz quis obter um tipo de operário treinado de grau mais elevado, mais uniforme, em menor espaço de tempo e por preços mais baixos. Concluiu que não podia conseguir isso pelos métodos de aprendizado usados nas oficinas de produção ligadas à escola. Estabeleceu um novo grupo de oficinas a que denominou "oficinas de instrução", para diferenciar de suas oficinas de produção. Designou um professor para cada oficina (...) equipou cada oficina com tantos postos de trabalho e tantos jogos de ferramentas quantos fossem os alunos. Em seguida analisou, nos seus processos mais simples, os processos de cada ofício, ou a arte a ser ensinada e organizou séries de exercícios para ensinar o uso de ferramentas e montagens de peças fabricadas. Tais exercícios eram preparados na ordem de dificuldade de execução. Cada membro da turma recebia um desenho do trabalho que tivesse que fazer. Nas diversas oficinas um professor — um mecânico perito — iniciava o curso dando uma aula de demonstração sobre o primeiro exercício da série e fazia com que os alunos executassem o trabalho ensinado. Cada membro da turma trabalhava na sua forja, no seu torno, ou em qualquer outro lugar de acordo com a circunstância. No momento próprio fazia a segunda demonstração, e depois a terceira e assim por diante até completar o primeiro período do curso no qual o aluno aprendia a usar todas as ferramentas. No segundo período eram ensinados elementos de montagem em trabalhos de madeira. O método adotado era semelhante ao período anterior, porém o professor inspecionava menos a parte referente ao modo de usar as ferramentas (...) durante o terceiro período o aluno prepara ele próprio seus planos e o professor passava a agir como superintendente. O objetivo era fazer com que o estudante desenvolvesse a capacidade de iniciativas e seu poder de assumir responsabilidades"<sup>9</sup>.

Esse método teve grande repercussão quando exposto num seminário em Philadelphia em 1876 e logo espalhou-se por toda a Europa e América<sup>10</sup>.

No Brasil o método foi assimilado, primeiramente,

nos cursos de formação para serviço ferroviário, cuja primeira escola foi fundada em 1906 — escola prática de aprendizagem das oficinas do Engenho de Dentro da Estrada de Ferro da Central do Brasil. Apenas em 1930, porém, foram inauguradas as primeiras bancadas para aprendizagem prática dentro da escola. Em 1934, foi criado em São Paulo o Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, onde vai se utilizar o método Della Voz mais detalhadamente, através de montagem de séries metódicas.

O SENAI, criado em 1942, vai herdar a tradição de ensino do CFESP de São Paulo e vai desenvolvê-lo, cada vez mais com o apoio dos métodos de ensino individualizado, ensino programado, ensino por módulos, produzidos a partir da psicologia condutivista, cuja expressão mais evidente é a figura de Skinner<sup>11</sup>.

Se efetivarmos uma comparação de ensino de oficina no SENAI, com o que descreve Della Voz em 1868, veremos que os passos são praticamente os mesmos e a concepção igualmente a mesma.

Como se efetiva, sumariamente o ensino na oficina de uma escola de aprendizagem do SENAI?

Existe uma série metódica, ou seja, um conjunto de tarefas, pequenos módulos, programados por ordem de complexidade, que compõe o curso de oficina. O ensino é individualizado e segue os seguintes passos<sup>12</sup>:

- a) *Estudo da tarefa*: para o estudo da tarefa, o aluno recebe uma folha de tarefa que detalhe o que fazer com desenhos, ilustrações, etc.; uma folha de operação que indica como fazer; uma folha de informações tecnológicas que indica com que fazer e, eventualmente, uma folha de informações complementares que indica por que fazer;
- b) *Demonstração da tarefa*: a demonstração é efetivada por um sistema de videotape com filmes especialmente montados para as tarefas do SENAI. O aluno observa individualmente a demonstração quantas vezes necessitar. Em alguns centros a demonstração é feita pelos instrutores. Cada nova tarefa não apresenta mais que duas operações novas;
- c) *Execução da tarefa*: cada aprendiz tem seu posto de trabalho. Ele é responsável pela máquina — conservação, limpeza etc. — durante o tempo que executa a tarefa. Segue um roteiro pré-esta-

8 GRIGNON, Claude. *L'ordre des choses*. Paris: Minuit, 1972, p. 267.

9 BENNET, C.A. Origens da educação industrial. In: EDWIM, A.Lee. *Objetivos e problemas da educação industrial*. Rio de Janeiro, C.B.A.I., 1944.

10 Ibidem, p. 18.

11 Sobre o impacto da psicologia condutivista e as teorias da aprendizagem que delas derivam e sua influência na metodologia de ensino do SENAI, ver FRIGOTTÓ, Gaudêncio, *op. cit.*, p. 42-61.

12 Nos cursos de aprendizagem, o aprendiz antes de ingressar na oficina realiza um conjunto de disciplinas instrumentais (compilação de leitura, matemática, ciências e desenho); o método é o mesmo, isto é, individualizado.

belecido e aprovado pelo instrutor que tem um número de 12 aprendizes.

Com o tempo, o mesmo que sugere Della Voz em 1868, o aprendiz é induzido a se desprender do roteiro, uma vez que na fábrica supõe-se que ele tenha internalizado todas as operações da tarefa;

- d) A avaliação da tarefa não é uma quarta fase, mas algo que ocorre permanentemente. O instrutor preocupa-se fundamentalmente em induzir o aprendiz, durante todo o tempo de trabalho, a uma auto-avaliação quanto à transferência prática dos conteúdos, uso correto das ferramentas, manejo correto e limpeza rigorosa das máquinas, cuidado com acidentes, precisão e esmero na execução da tarefa, rapidez — a busca da perfeição da tarefa, pontualidade e responsabilidade. O instrutor corrige na hora quando o aprendiz erra.

O parâmetro do que ensinar — isso não só na oficina, mas também nas disciplinas instrumentais (matemática, ciências, desenho) — é ensinar o *que serve*. O que serve é dado por diagnóstico nos postos de trabalho — a partir de cuja descrição montam-se as séries metódicas. O cuidado é de não ensinar para além do que as empresas exigem. A justificativa é para não frustrar o aluno no posto de trabalho futuramente.

O sistema de prêmios e sanções está inserido na própria metodologia<sup>13</sup>. O prêmio constitui-se no reforço dado pela aprovação do instrutor (o mestre e amigo) da tarefa e a passagem à tarefa seguinte. Num dos centros, há um quadro onde cada aprendiz marca os avanços e isso é público (competição, individualismo). A sanção é a reprovação da tarefa e a obrigação de refazê-la. Aos aprendizes que executam com precisão, esmero, de forma responsável, e rapidez as tarefas pré-estabelecidas são asseguradas vantagens, como outras especializações, etc.

### 1. A fábrica-escola-SENAI; a formação do "ethos" para a submissão da organização social do trabalho industrial?

Aparentemente, instituições de formação profissional do tipo SENAI tendem a ser concebidas como instituições cuja tarefa básica é a qualificação técnica do trabalhador. Na realidade, porém, as relações de trabalho-aprendizagem, a forma de organização interna, os valores que se passam, as atitudes e hábitos que se reforçam, as imagens de trabalhador bem sucedido e fracassado, a figura de patrão, os traços, enfim, de responsabilidade, assiduidade, pontualidade, etc. indicam que o ponto nodal é o de formar "bons trabalhadores", isto é, trabalhadores fabricados para submeter-se mais facilmente às relações sociais de trabalho estabelecidas. Homens fabricados para aceitarem a desqualificação dada pela crescente divisão do trabalho.

Esta parece ser a percepção que operários não formados pelo SENAI têm em relação à formação profissional que lá se efetiva.

Um grupo de operários da Fiat, que, despedidos na greve de 1979, partiram para organizar uma oficina-escola com o intuito de, através dela, primeiramente ter "um meio de vida, uma forma de qualificação e educação da classe operária e também uma forma de serviço à comunidade" — perguntados de como viam a formação que os operários recebem no SENAI, relacionada ao que eles pretendiam, assim se expressaram:

"O SENAI joga no mercado fornadas de técnicos, treinados em técnicas, sem visão do processo de produção como um todo. Nós buscamos formar o técnico que entenda de técnicas, que entenda do processo de produção no seu todo, que entenda da sociedade. Aprenda que as relações de trabalho não são apenas relações técnicas, mas relações políticas, uma relação de classe. O aprendiz aprende a técnica e ao mesmo tempo que a fábrica rouba o conhecimento do operário"<sup>14</sup>.

A preocupação da formação do "bom trabalhador" parece patentear-se em todos os aspectos do que se passa no interior da fábrica-escola-SENAI, a começar na relação máquina, aprendiz, instrutor, passando pelo próprio método individualizado de aprendizagem, e se explicitando em todos os momentos vividos na organização SENAI. O "ensinar fazendo"... o fazer poucas coisas, — "O QUE SERVE", o fazer "bem feito", — o preciosismo, carregam em si mais que traços de qualificação técnica — traços de um amoldamento a determinadas relações de trabalho. O que serve não é outra coisa senão aquilo que é historicamente ditado pela divisão do trabalho no interior da fábrica.

#### a) A jornada do aprendiz, e a organização do ambiente

O primeiro aspecto a ser destacado é que o aprendiz começa sua jornada de trabalho muito cedo. 18% dos entrevistados numa pesquisa afirmam demorar mais de 1 hora para chegar ao SENAI. O processo de entrada no SENAI obedece o mesmo ritual da entrada na fábrica — no portão são recolhidas as cadernetas de presença onde são anotados os atrasos — (três atrasos sem justificativa leva suspensão). Repete-se a chamada, posteriormente, pelo instrutor. Aprendiz sobe rampa, não sobe no elevador. A atividade é desenvolvida durante quatro horas sem intervalo. Mesmo para merenda não se interrompe o processo produtivo — ou é servida na oficina mesmo, ou por grupos é tomada no refeitório. Conversas só em função da tarefa ou então informações rápidas. O recolhimento e entrega das marmitas, igualmente segue um ritual de disciplinas.

Aprendiz só fuma em locais determinados. No término da jornada, o posto de trabalho, a máquina devem ficar rigorosamente limpos. O aprendiz é induzido a isso

<sup>13</sup> Os aspectos que se seguem tomam como base a Dissertação de Darcy Costa, anteriormente citada.

<sup>14</sup> Notas sobre o depoimento de um grupo de operários da FIAT que tem uma experiência de escola-oficina organizada pelos próprios operários a partir da greve de 1979. Semana de Educação. Universidade Santa Úrsula, RJ, 17 a 21.05.82.

pelas justificativas repetidas do instrutor, do custo do material, da difícil reposição das peças e, sobretudo, porque futuramente na empresa o aprendiz deverá ter esses cuidados par ter sucesso na carreira.

A própria disposição das máquinas, os avisos sobre cuidados que se devem ter para evitar acidentes, reproduzem o clima ambiental de uma fábrica (da grande fábrica).

A segurança e higiene no trabalho é uma lição permanente desde o momento que entra na instituição (fase de enturmação). A idéia que se vai sedimentando é que a não-segurança gera prejuízos a "ele principalmente, à empresa e à nação"!

b) *Da imagem do instrutor à imagem do patrão; figuras que existem para "ajudar vencer na vida — que têm direito de mandar e de se fazer obedecer".*

Nas relações de aprendizagem — instrutor-aprendiz —, passa-se a relação de trabalho — operário, supervisão, patrão — passam-se as figuras de autoridades, sentido da hierarquia, da funcionalidade. Mais fundamentalmente passa-se a ideologia do mérito, da ascensão pelo esforço, produtividade a ideologia de "vencer pelo trabalho assalariado".

O instrutor é um profissional selecionado no interior da fábrica, de sorte que, no SENAI, apenas recebe um treinamento para reproduzir de forma a mais didática possível, e em doses homeopáticas, a trama de relações sociais de trabalho que existem no interior da fábrica.

Os próprios profissonais que lecionam disciplinas complementares (português, desenho, ciências, matemática) têm que passar por um treinamento específico. O mesmo ocorre com os orientadores educacionais.

A figura de autoridade do instrutor e dos postos de chefia até a figura do patrão é construída como sendo função de competência e do mérito, sendo que condição de subordinado, de aprendiz ou de operário pode ser vencida na medida que os indivíduos se esforcem, se dediquem e sejam competentes para tanto.

Num outro texto mimeografado pode-se ler que na empresa o supervisor imediato é aquele que "tem autoridade sobre os seus comandados, isto é, tem o direito de mandar e o poder de se fazer obedecer". Ao empregado, além de obediência, responsabilidade, tem "obrigação de prestar contas do que foi feito".<sup>15</sup>

Outra lição que o aprendiz aprende é de que o patrão não é aquele sobre o qual o empregado pensa "cobras e lagartos". "O trabalhador percebe o patrão notando que ele impõe certos rigores por ser impertinente, exigente. Não vêem que isso é para o progresso da empresa".

Em suma, a lição que é inculcada permanentemente no aprendiz é a idéia de que não existem "maus patrões", mas "maus empregados". O patrão vai promover aquele operário responsável, que produz, o bom operário. "Ao operário cabe a tarefa de se autopromover pe-

---

<sup>15</sup> Ibidem, p. 102

lo seu esforço e pela sua capacidade de produção, havendo para ele uma tranjetória de postos a galgar"<sup>16</sup>.

Esta idéia-força que se desenvolve em todas as atividades da instituição vai sedimentando no aprendizado aquilo que J. S. Martins denomina a "produção ideológica da noção de trabalho" que obscurece a relação entre patrão e o empregado e entre as classes sociais.

"O trabalho não é considerado principalmente como uma atividade que enriquece a burguesia. Ao contrário, o trabalho é considerado como uma atividade que cria riqueza e, ao mesmo tempo pode libertar o trabalhador da tutela do patrão (ou até mesmo tornar-se ele futuramente o supervisor, o patrão, um autônomo). O Trabalhador é sempre considerado um patrão potencial de si mesmo, sobretudo porque a condição de patrão é essencialmente concebida como produto do trabalho árduo e das privações materiais do próprio patrão quando era trabalhador, regulados por uma espécie de prática asséptica. A riqueza, no sentido do capital acumulado, torna-se aceitável e legítima porque é produto do trabalho e porque o trabalho é concebido como uma virtude universal. A capacidade de criar riqueza através do trabalho é concebida como uma virtude socializada sem distinções de classe, que abra acesso ao capital e ao capitalismo a todo o homem que trabalha". "(... Esse deslocamento dá idéia de que a riqueza não é produto do trabalho explorado do trabalhador, mas resulta do trabalho e das privações do próprio burguês, na origem do seu capital, consagra e justifica para o trabalhador a sua exploração por outra classe"<sup>17</sup>.

A observação mais acurada das relações pedagógicas que se estabelecem no interior da instituição SENAI, quer ao nível da relação máquina-aprendiz-instrutor, quer mais amplamente no conjunto e trama das relações que aí se dão, vai nos revelar que, se o SENAI treina trabalhadores em habilidades que os tornem capazes de exercer uma determinada atividade dentro do processo produtivo, na divisão social do trabalho organizada pelo capital, essa qualificação não é nem a única e nem a principal.

O que talvez de mais efetivo consagra esse tipo de pedagogia onde o aprendiz fazendo, faz o que serve, não é a qualificação técnica, mas moldar, "fabricar o trabalhador" com um conjunto de traços atitudinais, que são requeridos pela divisão social do trabalho no interior da fábrica. Ou seja, trata-se de um tipo de formação que vai dotar os indivíduos de "qualidades morais" que os adequem a relacionar-se com o capital no desempenho contínuo das atividades produtivas por ele organizado. A adaptabilidade tornou-se sinônimo de mão-de-obra qualificada.

No SENAI não é a ciência que o aprendiz vai aprender, partindo da manipulação, da relação com a máquina, mas sobretudo vai aprender a integrar-se nas relações de classe existentes numa cultura técnica, um conjunto de maneiras de ser, de agir e de pensar, necessário à submissão das relações sociais de produção impostas pelo capital<sup>18</sup>. Não há como negar a eficiência da Instituição nesse sentido.

## 2. Será a formação profissional dada por instituições do tipo SENAI apenas um reforço às relações capitalistas de produção?

A análise histórica da origem do SINAI, e mais recentemente, da origem do SENAR, sem dúvida vai nos revelar que são instituições que são produzidas para dar respostas às novas formas que assume o capitalismo na indústria e no campo. São, nesse sentido, instituições que nascem — independentemente do vínculo jurídico ser público ou privado, para desenvolverem a pedagogia das relações capitalistas de trabalho, e vão adaptando — na ótica do que serve — esta pedagogia às novas formas que assume a divisão do trabalho como resultante das novas formas de sociabilidade do capital. Neste sentido seu vínculo com a produção capitalista é mais direto do que o tipo de prática pedagógica das escolas de 1º e 2º grau.

Certamente, na ótica do trabalhador e daqueles que postulam uma sociedade onde não haja patrão e empregado, dominante/dominado, capitalista e proletário, não cabe senão uma escola única onde se desenvolve a pedagogia do trabalho como um direito e um dever de todos e onde desde a escola elementar, na expressão gramsciana, se prepara o homem para a *societas rerum* e para a *societas hominum*.

Caberia, entretanto, dentro das circunstâncias dadas, perguntar-se em que medida essa pedagogia da submissão, mas amoldadora de atividades requeridas pelas relações capitalistas de produção fabricadora de um trabalhador disciplinado, consegue efetivamente constituir-se num filtro, num anestésico à contradição concreta que o aprendiz empregado vai se defrontar — contradição capital-trabalho. A dose do que "serve", tecnicamente, e a dose de doutrinação, parecem não ter uma fórmula muito fácil. Mesmo neste tipo de relação pedagógica o homem parece não se revelar um "gorila domesticável". Até mesmo esse tipo de formação profissional se apresenta problemática ao capital. De outra parte, dentro das instituições desta natureza não encontramos apenas máquinas, autômatos, mas encontramos trabalhadores-instrutores, supervisores, que por mais que, boa parte, introjetem a figura do patrão — o conflito capital-trabalho se apresenta também aí. Não é raro encontrar profissionais não só contaminados pelos movimentos e reivindicações da classe operária, mas associados a essa luta.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 103

<sup>17</sup> MARTINS, J.S. As relações de classes e a produção ideológica da noção de trabalho. In: *O Cativo da terra*. São Paulo, p. 117-134. LESCH, 1981.

<sup>18</sup> Isso parece ser confirmado por depoimento de empregadores. Numa pesquisa feita com empregadores no Distrito Federal em 1976, os empregadores sinalizaram como características básicas que diferenciam os egressos do SENAI com os demais empregados, a ponto de preferir os primeiros, não o preparo técnico, mas fundamentalmente, a pontualidade, responsabilidade, facilidade de serem administráveis. SENAI. Avaliação do Projeto de Construção Civil — Análise do Método de Ensino segundo a opinião dos concluintes e dos empregados. Brasília, SENAI, 1976.

Posta a questão de outra forma, poderíamos afirmar que a força do tipo de formação profissional que se efetiva em instituições do tipo SENAI, com o intuito de formação do trabalhador que interessa às relações capitalistas de produção, parece estar justamente na própria prática do aprendizado que impede ao aprendiz desenvolver uma consciência crítica, uma visão do processo global de produção, um posicionamento frente à própria questão técnica. A questão técnica passa como algo inteiramente separado da questão social e política, da própria questão da vida. Na figura da poesia-realidade de Brandão<sup>19</sup>, a ação pedagógica do SENAI vai moldando o aprendiz e não percebe que

“o trabalho do corpo é a mercadoria  
que o homem vende ao dono todo dia  
e o corpo-livre pertence ao maquinário  
que converte o homem no operário  
de que retira o preço do sustento:  
a comida, a cama, a casa, o agasalho  
o que mantém vivo o corpo, e o seu trabalho.  
A repetição contínua diária igual  
de um mesmo gesto limitado e repetido  
todos os dias sobre os mesmos atos  
ensina ao operário as regras de mestria

e ele aprende a norma que o uso faz  
do trabalho-artesão que então domina  
através de dominar a sua prática  
com a sabedoria de um corpo dominado”.

Duas questões básicas podem, talvez, encaminhar uma discussão sobre a temática que acabamos de assinalar. A primeira questão que se pode formular é se uma vez em contato com a luta concreta do movimento operário — luta-capital-trabalho — os egressos desse tipo de formação profissional criam resistências a essa luta. Essa parece ser uma questão relevante que se põe ao campo de investigação. A segunda questão nos leva a perguntar se seria possível, e sob que condições, resgatar esse tipo de formação pedagógica pelo trabalho, na direção dos interesses da classe trabalhadora. Ou, em outros termos, o que seria formar para o trabalho, dentro dos interesses da classe trabalhadora, numa sociedade onde, além da falta de trabalho, do não direito concreto ao trabalho, existe uma crescente desqualificação do trabalho?

---

19 BRANDÃO, C.R. A Trama da Rede. RJ — CEDI, Encarte de Tempo e Presença, nº 172, nov/dez, 1981.